

TRADUÇÃO DO TEXTO HANS BÄR DE THEODOR STORM: JOÃO URSO

Greice Bauer*

RESUMO

Até então inédito em português brasileiro, o presente texto faz parte da obra *Hans Bär*, de 1837. A tradução aflora do projeto de pesquisa intitulado *Tradução e paratradução de contos de Theodor Storm*, desenvolvido desde 2012 junto à Universidade Federal de Santa Catarina, que tem por meta a ampliação do acervo literário referente a obras elaboradas por Theodor Storm durante o século XIX.

Palavras-chave: Hans Bär; Theodor Storm; João Urso.

APRESENTAÇÃO DA OBRA E DO AUTOR

Escritor, poeta e novelista, Hans Theodor Woldsen Storm nasceu em 14 de setembro de 1817 em Husum, na Alemanha. Seu nome destaca-se entre os autores expoentes do realismo poético alemão (1848-1890), movimento cuja importância marca o universo literário ocidental, irradiando influências sobre as expressões estéticas atuais de modo amplo. Sua novela intitulada *O Homem do Cavalo Branco* (*Der Schimmelreiter*), por exemplo, foi adaptada para o cinema nos anos 1933, 1978 e 1984. Suas histórias, contos e poemas figuram entre as produções de maior destaque no cenário literário alemão, tal como *Ein Doppelgänger* (1886) e *Die Regentrude* (1866), até a data deste artigo, não traduzidas para o português. O caráter trágico e melancólico que imprime em seus textos vem acompanhado de brechas geradas para a inserção de pitadas de humor com tonalidades ora sarcásticas, ora irônicas. Theodor Storm faleceu em 4 de julho de 1888, em Hanerau-Hademarschen, na Alemanha.

A tradução do conto *Hans Bär* surge para ampliar o acervo literário do escritor alemão Theodor Storm em língua portuguesa, tendo em vista que somente seus títulos mais renomados foram traduzidos para o nosso idioma, entre as quais se destacam *O homem do cavalo branco*, *Immensee* e *O afogado*. O projeto de pesquisa *Tradução e*

*Greice Bauer é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Paratradução de contos de Theodor Storm já publicou outras traduções do autor, entre as quais, *Quando as maçãs estão maduras* (Wenn die Äpfel reif sind), *Rosas tardias* (Späte Rosen) e *O pequeno Häwermann* (Der kleine Häwermann).

Os conteúdos abordados nas produções de Theodor Storm continuam transcendendo as barreiras do tempo e dos espaços, cativando novas gerações de leitores. O presente texto oferece um exemplo singular da literatura alemã do século XIX, do ponto de vista tradutório, o vocabulário empregado por Theodor Storm, muitas vezes obstrui a leitura linear, interferindo no entendimento de partes do texto e, por conseguinte, no processo de recriação, exigindo pesquisas de natureza histórica, linguística e antropológica.

O texto *Hans Bär* foi escrito originalmente em 1837 como presente de natal para Bertha von Buchan. A data de sua primeira edição, bem como o nome da editora são desconhecidos. O conto relata a vida de João, sequestrado quando criança por uma urso e mantido em cativeiro. Após fugir, ele reencontra seus pais, mas depois de algum tempo, decide partir para conhecer outras terras. Na viagem aceita o desafio de um rei. Buscando cumpri-lo, alcança seu objetivo, casa-se com a princesa e assume o lugar do monarca. Com sua esposa decide visitar a terra natal e, lá, reencontra a urso com quem viveu durante a infância. A urso, já muito velha e debilitada, acaba morrendo durante o reencontro. João retorna ao castelo para viver feliz com sua família.

JOÃO URSO – TEXTO TRADUZIDO

Há muitos e muitos anos em uma floresta de abetos morava um pobre carvoeiro com sua esposa, que recentemente havia dado à luz um filho saudável, que recebeu o nome de batismo de João. Logo após seu nascimento, o menino desenvolveu uma grande força física. Seus pais lhe ofereceram três cachorrinhos de presente para serem seus companheiros; então, sucessivamente, apertou-os um a um com tanta força que os animais morreram. Por um lado, os pais o repreenderam, mas em seu íntimo gostaram, ficando alegres com a predisposição de seu filho e com a possibilidade de tirar proveito de seu talento. Mas não puderam desfrutar desse prazer por muito tempo, como passarei doravante a contar. Nesta mesma floresta morava uma imensa urso. Os caçadores haviam tomado seus dois filhotes e por isso ela estava muito triste, chorando sua dor a

caminhar dia e noite pela floresta. Certa vez a urso passou em frente à casa do carvoeiro, onde o pequeno João brincava sentado no chão.

Quando o animal o viu, lembrou-se de seus pequenos filhotes e, para vingar-se dos homens maus que haviam roubado seus dois filhos, atacou o pequeno João na intenção de comê-lo. Porém, João arrancou uma árvore do chão e golpeou-a tão valentemente que a urso ficou espantada com sua força e coragem. Logo que recuperou os sentidos, disse para si mesma: – Tu deves levar o menino contigo para a tua toca e alimentá-lo com teu leite e torná-lo tão forte como teus filhotes seriam, de modo que ele possa cuidar de ti e proteger-te quando te tornares velha e fraca. – Embalada por tal pensamento, tomou o pequeno João suavemente entre suas patas e, apesar dos gritos e da resistência do menino, correu floresta adentro até sua toca.

Mal chegou à caverna, sacudiu a cama de palha e deitou o seu novo filhinho sobre o ninho macio, o qual havia preparado anteriormente para seus filhotes. Rosnou carinhosamente para a criança, de modo que o pequeno João se acalmou e finalmente adormeceu de fadiga e sono.

Na manhã seguinte, quando João abriu os olhos, viu a velha urso sentada na frente de sua cama, estendendo-lhe a pata com belos morangos vermelhos, que ela mesma havia colhido para ele bem cedinho na floresta. Depois a urso ofereceu seu peito ao pequeno João para amamentá-lo com seu leite. Isso o deixou tão satisfeito que ele acariciou as costas largas da urso, arrepiando seu pelo felpudo e proporcionando-lhe um belo prazer. Assim permaneceram por certo tempo. Depois, a urso deixou a caverna, mas logo que saiu, rolou uma imensa pedra até a entrada da toca com a intenção de manter o pequeno João preso, mesmo depois de perceber que o garoto já estava gostando de ficar lá dentro.

A rotina foi assim mantida por algum tempo: de manhã a urso saía e ao meio-dia retornava para a toca, sempre trazendo para seu novo filhote lindos morangos ou flores. Brincava com ele por um tempo, depois trotava pela floresta até o cair da noite. Porém, João foi ficando incomodado com a grande pedra que a urso rolava todos os dias para cobrir a abertura da caverna. Pouco a pouco o menino crescia e ficava mais forte; o leite da urso contribuía para ser vigor físico. Quanto mais forte e maior ele se tornava, mais aborrecido ficava com a pedra que o impedia de circular livremente pela bela floresta verde. Certo dia, como de costume, a velha urso saiu de manhã pela floresta adentro para procurar uma bela porção de mel ou um coelho gordo para o café da manhã. Então

o pequeno João tentou deslocar a pedra com as costas, mas apesar de todas as suas investidas, a pedra moveu-se muito pouco. Assim que a urso retornou para a toca, logo percebeu que a pedra havia sido mexida; então, olhou para João repreendendo-o e, em sua saída seguinte, colocou outras pedras diante da fenda. João percebeu que precisava ter paciência, pois sua força ainda não bastava para deslocar totalmente as pedras que bloqueavam a saída da toca. Além disso, ele receava a ira da urso, caso ela percebesse que seu pequeno filhote, apesar de todos os seus zelos, queria fugir. Assim que João percebeu que estava suficientemente grande e forte para conseguir remover as pedras, não hesitou. Logo que a urso saiu para seu habitual passeio vespertino, João reuniu todas as suas energias para tentar, mais uma vez, deslocar as pedras. E quem poderia descrever então sua felicidade! Crack, crack! As grandes pedras se quebraram em pedaços e rolaram para todos os lados. Lá estava ele na natureza, na liberdade que ele tanto almejava. Doravante, sobre João pairava o som alegre do canto dos pássaros da floresta e ao seu redor o sussurro das árvores altas e verdes, o que o deixou com o coração alegre e leve, apesar do receio de que a urso pudesse tentar aprisioná-lo novamente na caverna. Com esse pensamento, correu tão rápido quanto seus pés podiam suportar, sempre avançando, até que finalmente chegou à choupana de um carvoeiro.

Como cair da noite, o carvoeiro descansava com sua esposa depois de um dia de trabalho. Mas, João ainda receava a urso, e por isso bateu violentamente à porta. Ao abrir, de forma gentil, perguntaram-lhe o que queria. João então lhes contou sua história, rogando que o contratassem como criado. O carvoeiro e sua esposa observaram-no, todavia, com olhar penetrante e logo o reconheceram pela sua verruga preta no ombro esquerdo. O suplicante não poderia ser outra pessoa, senão o próprio filho do casal que eles haviam perdido muitos anos antes tão misteriosamente. Quem poderia estar mais contente do que João, que inesperadamente reencontrara seus queridos pais! Quem poderia estar mais contente do que o carvoeiro e sua esposa que, inesperadamente, haviam reencontrado seu querido filho desaparecido, que ainda era um pouco o pequeno João, mas que agora se tornara grande e forte.

Depois de um longo período junto de seus pais, a contar-lhes suas maravilhosas histórias, João sentiu vontade de viajar para conhecer o mundo. Assim, certo dia decidiu anunciar sua pretensão de partir, recebendo a aprovação dos pais. Em uma dada manhã, arrumou sua trouxa e partiu.

Depois de se sentir satisfeito em ter visitado os quatro cantos do mundo, João resolveu descansar de suas longas caminhadas. Assim que avistou uma grande e imponente quinta, não pensou muito e foi oferecer seus serviços ao proprietário. Quando viu aquele rapaz grande e forte, o dono perguntou seu nome e imediatamente o contratou como criado. Nessa mesma época as frutas estavam amadurecendo no pomar e, por esta razão, João foi enviado na manhã seguinte ao pomar para sacudir as árvores frutíferas. Mas logo que começou a balançar os galhos com as frutas, eles começaram a quebrar e cair com elas. Quando o patrão foi ao pomar acompanhar o trabalho de seu novo empregado, João disse a ele francamente:– Senhor, suas árvores provavelmente devem ser velhas e frágeis, pois quando as sacudi para que as frutas caíssem, os galhos foram ao chão! – Não obstante, o patrão disse-lhe palavras desagradáveis, afirmando que João havia arruinado suas belas árvores. Em seguida, o proprietário da quinta ordenou que João fosse à floresta cortar lenha com um machado reluzente. No entanto, João deixou o machado de lado e procurou por uma corrente forte de ferro. Assim que a encontrou, foi até a floresta, amarrou a corrente nas árvores e arrancou uma por uma com raiz e tudo. À noite, seu patrão juntamente com outros servos foram buscar a madeira para levá-la para casa.

Mas quando viram que metade da floresta havia sido arrancada pela raiz, não acreditaram. Um após o outro perguntaram: – João, diga-nos quem te deu tanta força? O trabalho que você realizou em um dia nós não fomos capazes de fazer em cem!

João, apesar de toda sua força, era por natureza muito gentil e agradável. Satisfez a curiosidade de todos, contando-lhes sua história com sinceridade. Colocou então dois carvalhos sobre os ombros e voltou lentamente para a fazenda. Os outros continuaram por um bom tempo na floresta, tentando, em vão, pôr as árvores arrancadas nas carroças e carretas.

Logo sua história ficou conhecida por todos os cantos; tanto por ter sido amamentado e criado por uma urso quanto por ter adquirido a força daquele animal. O jovem passou então a ser chamado de João Urso.

Com enorme receio da força desmensurada de João, o patrão e seus servos desejaram se ver livre dele a todo custo. Então pensaram e confabularam um plano perverso para tirar a vida do João Urso para que ninguém sofresse nenhum mal em virtude de sua força.

Depois que se acertaram, o patrão chegou um dia perto de João e disse: – Veja só, minha tia me confidenciou que o pai dela havia enterrado um tesouro no poço do meu pátio. Por causa do calor a água secou e queremos aproveitar a situação. Você descerá lá e cavará até encontrá-lo! – João fez como haviam lhe ordenado.

Mas mal João começou a descer, o patrão e seus servos começaram a jogar pedras no interior do poço. Imaginaram que conseguiriam eliminá-lo desta forma. Todavia, João logo percebeu a má intenção, e como as pedras não lhe provocavam nenhum mal, tranquilamente deixou-os continuar. Aos poucos foi perdendo a paciência, pois já haviam lançado centenas de pedras, uma após a outra. Em dado momento, João gritou lá de baixo: – Tratem de espantar as galinhas para longe do poço, para que elas não me joguem areia nos olhos ou eu nunca desenterrarei o tesouro!

Assim que o patrão e os servos o ouviram, ficaram aterrorizados. Depois que se recuperaram do susto, os servos rolaram uma grande mó de moinho até a entrada do poço e a lançaram-na lá dentro. Eles realmente acreditaram que haviam se livrado do perigoso João Urso. Mas João havia agarrado a mó de moinho e passado sua cabeça por sua fenda central, de maneira que parecia estar pendurada no seu pescoço como um colarinho. Quando olharam para o fundo do poço para ter certeza de que haviam matado o jovem, João sorriu para eles e disse: – O quê? Vocês querem me fazer virar um padreco pendurando em meu pescoço um colarinho tão grande de sacerdote! Chega dessa loucura! Puxem-me daqui para fora! – E então João arremessou a mó para fora do poço, enterrando um servo embaixo dela. Os outros servos temeram por suas vidas e tiraram-no imediatamente de lá. O patrão logo percebeu que os servos eram incapazes de tirar a vida de alguém tão forte. Por tal motivo ofereceu a João muito ouro caso aceitasse fazer sua trouxa e partir dali sem buscar vingança pelo ocorrido. Como João queria mesmo continuar conhecendo o mundo, pegou o ouro, reuniu seus pertences e seguiu viagem.

Após alguns dias caminhando, ouviu algumas conversas sobre as belezas da filha de um rei. Porém, ao mesmo tempo, ouviu sobre um gigante horrendo que desejava se casar com a princesa. Também escutou sobre o temor e angústia do rei e sobre a promessa de que ofereceria metade de seu reino e a mão de sua filha àquele que matasse o gigante.

João ficou cada vez mais curioso em ver a linda princesa. Quanto mais perto chegava do castelo, mais ouvia relatos sobre sua beleza e bondade. Finalmente, chegou à cidade.

Lá estava a bela princesa a olhar pela janela da sacada de seu castelo e a derramar lágrimas amargas, pois um abominoso gigante queria casar-se com ela.

João ficou encantado com a visão, a ponto de imediatamente dizer a si próprio que venceria a luta contra o gigante, mesmo sabendo que ele já havia matado três belos e bravos cavaleiros que o haviam desafiado pela mão da princesa. João logo procurou um ferreiro de armas, com o ouro que recebera de seu antigo patrão, comprou um bom elmo, uma cota¹ luzente de guerreiro e, naturalmente, uma espada forte e afiada. Assim equipado se apresentou diante do rei e pediu permissão para lutar como gigante. O rei lhe concedeu sua bênção e prometeu metade do seu reino e a mão de sua filha, caso João conseguisse derrotar o gigante. João partiu então para a batalha. O rei caiu de joelhos e rogou por sua alma, pois acreditava que, como acontecera com os outros três cavaleiros, o desafiante receberia o golpe fatal.

Enquanto isso João procurava o gigante na intenção de desafiá-lo para um duelo. Quando o gigante viu João chegando, acreditou que novamente seria um combate tranquilo. Por isso, agarrou um tronco de árvore e zombou de João: – Homenzinho, você também veio quebrar meu pescoço, então tente, uma única vez, levantar minha espadinha do chão o quão alto você conseguir, antes que eu lance meu sabre contra você! E assim o gigante desembainhou da cintura sua espada de batalha e lançou-a ao chão. O gigante, assim agindo, imaginou que, como os outros três cavaleiros, João mal conseguiria erguer a espada a um centímetro do chão. No entanto, João levantou-a sobre sua cabeça usando apenas uma das mãos, lançando-a para longe e cravando-a na terra dura até a empunhadura. O gigante pensou consigo mesmo: – Ele é mais forte que eu! – Então chamou João e disse: – Vejo bem que me enganei. Você é um corajoso lutador, por isso vamos selar a paz entre nós. Dois tão valentes guerreiros devem se comportar como amigos. Eis que lhe oferecerei tanto ouro quanto você puder carregar em três carroças; mas terá que seguir seu caminho e deixar-me a bela princesa, pois a amo mais do que todo o ouro e todas as pedras preciosas existentes sobre a terra.

¹Tipo de roupa composta por anéis de couro retorcido ou de malha de ferro, muito usada por soldados como forma de proteção.

Todavia, João também já estava apaixonado pela bela filha do rei. Já a amava mais do que todo o ouro e todas as pedras preciosas existentes sobre a terra. Amava-a mais que sua própria vida. Por isso, não deu ouvidos à proposta do gigante, desembainhando sua espada. O gigante precisou arrancar sua arma da terra onde João a havia cravado. Ah! As duas espadas estrondaram a ponto de soltar faíscas brilhantes. Mas não por muito tempo, pois João golpeou o gigante de tal maneira que separou sua cabeça do corpo, fazendo o sangue negro espirrar ao redor, sobre a terra verde. Em seguida, retornou ao castelo, levando consigo a cabeça decepada como prova de sua vitória. Queria anunciar a boa notícia sobre a morte do gigante e também cobrar do rei suas promessas.

Assim que o rei viu João entrar em seus domínios, foi ao seu encontro e abraçou-o, demonstrando sua alegria pela vitória. Então lhe disse: – Venha comigo, meu filho, conduzir-te-ei até tua princesa e ceder-te-ei metade do meu reino. Diante da princesa, foi apresentado como seu futuro marido. A filha do rei estava feliz com a morte do gigante e com o belo esposo, pois a beleza de João não era inferior à sua grande força física. A princesa encantada com seu belo noivo entregou-se a ele completamente, de coração e alma.

Pouco tempo depois o velho rei faleceu e assim que foi solenemente sepultado, João herdou a outra metade do reino de seu sogro. Depois da cerimônia, imediatamente viajou com sua esposa até sua terra natal para buscar seus pais e irmãos para morarem no seu castelo.

Não preciso descrever como a família ficou surpresa quando a carruagem dourada parou em frente à choupana do carvoeiro. Ao olhar para o rosto do rei, os pais reconheceram seu filho. João lhes apresentou sua esposa, o que os deixou admirados e muito felizes. Depois, foi com seus pais, irmãos e com toda sua comitiva até a toca de sua mãe de criação, a urso. Ao chegarem próximo do local, todos começaram a temer por suas vidas, suplicando que João recuasse. O rei tranquilizou a todos e, assim que chegou à toca, retirou todas suas vestimentas e entrou. João ficou muito chocado! Dentro da toca estava a boa urso prostrada, desejando morrer. Ela estava tão doente e fraca que não conseguia mais buscar comida na floresta e poderia ter definhado de fome caso o rei João não tivesse chegado a tempo.

Assim que a urso reconheceu seu filho de criação, tentou se levantar e rastejar até ele, porém faltaram-lhe forças e ela caiu novamente no seu leito. João chamou seus

criados e lhes ordenou que buscassem comida e água fresca. Então sentou sobre a cama de palha, ao lado da urso, acariciou-a e lhe concedeu os devidos cuidados. A urso lambeu as mãos de seu filhote com sua língua áspera e o contemplou afavelmente, como se quisesse dizer: – Finalmente você voltou para me prestar este último afago! Eu não cuidei de ti e te amamenteei em vão.

Aos poucos todos entraram na toca e a rainha deitou a cabeça da velha urso sobre seu colo, acariciando-a com suas belas mãos. Como seu marido, buscou de todas as maneiras reconfortar a velha urso.

Mas já não adiantava mais, o animal estava muito velho e cansado para continuar vivendo. Depois de lançar um último olhar de agradecimento ao rei e à sua bela esposa, a urso esticou as patas e descansou. O rei chorou por sua velha mãe de criação e todos ficaram muito tristes pela perda do bom animal, permanecendo por mais um tempo na toca.

Então enterraram a urso sob o tronco de um velho carvalho e retornaram ao reino. O rei João Urso governou feliz e em paz por muitos e muitos anos ao lado de sua bela esposa.

Referências bibliográficas

STORM, Theodor. **Sämtliche Werke in vier Bände**. Organização de Peter Goldammer. Berlin: Aufbau-Verlag, 1967.